

# A VIDA DE UM ABORTO

*Histórias de um anti-heroi punk*



Por **Renato Aiam**  
*renatoaiam@resist.ca*

## Índice:

### **introdução**

Capítulo 1: **O início do kaos punk em Recife**

Capítulo 2: **do abandono ao desafio de limites**

Capítulo 3: **da porralouquice extrema a militância ativa**

Capítulo 4: **histórias de doce azedo com sangue em calda**

Capítulo 5: **cenas de boicotes e confusões**

Capítulo 6: **a propagação libertária e o estigma da violência**

Capítulo 7: **sem deus nem mitos produções**

Capítulo 8: **punks not dead?**

**Conclusão**

**Bibliografia?**

## **Introdução**

A vida de um aborto, é um pequeno e superficial relato sobre histórias de punk vivenciadas por um personagem real, que, por sua forma singular e extrema de vida, impulsionou-me a escrever esse texto.

Busco aqui não centralizar as informações unicamente no personagem, mas tentando sempre focalizar o movimento punk da época com seus problemas, atividades e contradições, na intenção de causar reflexão e propiciar um pouco de conhecimento histórico, pois insisto em bater na tecla de que a história do punk deve ser contada pelos próprios punks e não esperar que somente os historiadores, jornalistas, acadêmicos... escrevam um monte de bobagens, mentiras, deturpações e outras idiotices alimentando o preconceito contra o punk.

Os erros gramaticais, gírias, “palavrões” e outras profanações da língua “cultura” são normais e até enaltecidos nesse escrito. Aqui não se procura agradar ninguém, receber elogios ou tão pouco dar satisfações aos policiais das leituras, dos movimentos, das escritas, que ao invés de ler SENTINDO O CONTEÚDO se detém em detalhes, regras, padrões e outras bostas que de nada nos servem no cotidiano.

Então vamos adiante!!

### *Capítulo 1*

## **O início do kaos punk em recife**

O punk surgiu em Recife mais ou menos em 1982. Um grupo de rockeiros se encontrava na avenida sete de setembro para se divertir, beber, conversar e trocar novidades do mundo do rock, e foi desse grupo que nasceu a semente do punk, como também os pioneiros do movimento mangue beat. Mas falando sobre o punk, alguém trouxe a “novidade” que tava rolando em São Paulo, e esses rockeiros já se deslumbravam com o som e a postura escrachada de grupos como *Sex Pistols*, *Ramones*, *Patti Smith* e *The Clash*, então as informações e os materiais sobre os punks que tavam surgindo no Brasil caíram como combustível no fogo, e assim as idéias subversivas brotaram como do nada se espalhando pela cidade em pixações com temáticas agressivas, no visual e nas atitudes daquele grupo de amigos que antes de conhecerem o punk já percebiam suas afinidades com a música visceral, com as atitudes rebeldes e com as vivências, de certa forma, marginais.

A cena em Recife sempre foi caracterizada por altos e baixos e marcada pela violência que impregna quase todos os cantos da cidade.

Um exemplo concreto foi o pessoal da banda *Câmbio Negro*, uma das primeiras bandas punk de Recife, que ensaiava num velho casarão e teve os instrumentos roubado e mesmo tendo que parar os ensaios por um tempo, o grupo era bastante envolvido com as movimentações punks e organizava o festival *Encontro Anti-Nuclear* e desde essa época já rolavam brigas pesadas. Nas gigs sempre aparecia a turma da lama que era uma gangue de pseudo-burgueses que sequer tinham ligação direta com o punk, mas estavam presentes em quase todos os eventos e sempre faziam merdas.

Na primeira edição do *Encontro Anti-Nuclear* o pessoal da organização convidou a banda paulista *Vírus 27* num período onde ninguém tinha informações sobre qual era realmente a postura política do punk e o associavam puramente ao choque, a violência e nem sempre conseguia-se diferenciar o punk dos skinheads, movimentos tão antagônicos. Mas voltando ao caso da participação da *Vírus 27*: os caras chegam com aquele ar de superiores, características das pessoas que não usam o cérebro e que acreditam que morando em determinada região são melhores que pessoas de outros lugares, e *Joe 90* (vocalista da banda) fica hospedado numa casa com duas garotas punks e um outro punk de Maceió. Logo na primeira noite rola uma treta feia. Esse carecoide imbecil quer bater em todo mundo da casa e vai se queixar para a organização do evento que *tinham colocado ele pra ficar numa casa com duas "sapatões" e um "viado" e que se drogavam direto* (omitindo o fato dele também tá se drogando!) *e ainda tentaram colocar um pênis de plástico (vibrador) na bunda dele, e aquilo não era coisa de punk e por isso tinha brigado com as garotas*. O pior é que o pessoal entrou no papo falso moralista e estúpido desse careca idiota. Quando as meninas e o cara de Maceió chegaram no point onde se encontravam os punks de Recife foram recebidas com muita hostilidade; bateram nelas, tomaram o visual e as expulsaram sem nem ouvir o que elas tinham pra falar.

Algum tempo depois desse caso, o pessoal da banda *SS-20*, que foram os que mais se empolgaram em agredir as meninas, também romperam com os integrantes da banda *Câmbio Negro* e quando se encontravam tinham discussões nada amistosas.

A banda *SS-20* precursora do punk em Pernambuco (ao lado da *Câmbio Negro*) também teve um final trágico. O vocalista chamado Cão começou a assaltar e num desses assaltos foi ferido e acabou preso e deficiente da perna. A maioria do pessoal dessa banda morava na Casa Amarela/Alto José do Pinho, bairros periféricos de Recife, e influenciou muita molecada por lá, pois faziam tudo com muito vigor e batalha. Ensaíavam com bateria de latas, violão e sem microfone. O som da banda era algo tão barulhento que antecipava o que hoje conhece-se como grind/noise core. Eles organizavam eventos nos subúrbios e vivenciavam o punk na periferia num contato direto com a população. Esse exemplo foi absorvido também por novas bandas que surgiam no bairro como a *Patophobia* e a *Devotos do Ódio*. Essa última, apesar do nome, era pacifista e realizava um bom trabalho de conscientização anti-gangue e contra a violência no bairro, serviam até de exemplo, onde as mães tinha orgulho quando seus filhos se envolviam no movimento. Mas o lance da banda sempre foi mais musical e chamavam atenção da mídia pelo auto-didatismo e o faça você mesmo (até os próprios instrumentos eram eles que fabricavam) e assim conseguiram entrar no circuito da música comercial, arranjaram empresário, assinaram contrato com gravadoras capitalistas, tiraram até o "ódio" do nome e os trabalhos de conscientização social assumem

características assistencialistas funcionando como marketing para mostrar que a banda é politicamente correta.

Depois desse período inicial Recife teve uma parada nas movimentações punks. As bandas SS-20, Moral Violenta e Realidade Encoberta tinham acabado, Câmbio Negro e Devotos direcionavam suas agendas e compromissos para a indústria cultural e até rejeitavam o “rótulo” punk pra não comprometer o “trabalho” das bandas.

Mas desde o final da década de oitenta e início de noventa, ia acontecendo uma renovação na cena, principalmente com o surgimento de novas bandas. Existia um zine alternativo que tinha uma circulação grande chamado *Recifezes* e, influenciado por bandas como a *Realidade Encoberta*, que já fazia uma mistura de música punk com metal, pregava a união de todas as facções alternativas. Foi um tempo que Recife teve uma cena sem muitas confusões, só que as bandas se atrelavam ao punk mais limitadas a questão musical e pela vivência marginal: *S.U.B.*, *Necropsia*, *Decadência Humana*, *3º Mundo*, *Proletários*.... e já mais tarde aparecia outras mais ligadas ao protesto punk, a vivência de rua, ao movimento: *Massa Cefálica*, *Epilepsia*, *D’Kaos*, *Peste Bubônica*, *Cangaço Anti-Social*.... Nesse período um garoto já chamava a atenção, pois tocava em quase todas essas últimas bandas citadas, era *Alex Aborto*, mais conhecido como *Crânio*. Surgia aí uma retomada das atividades e a cena punk perdia o marasmo e se intensificavam as movimentações. Os contatos com punks de outras cidades se expandiam, a radicalidade exacerbada do hardcore, a ousadia e as confusões voltavam a ser a realidade do punk em Recife.

## Capítulo 2

### Abandono e desafio de limites

A primeira vez que ouvi falar de Crânio foi quando vi algumas pixações em Natal que me chamaram a atenção. As frases tinha entre outras: “*se a justiça é cega, no Brasil ela é surda e muda!*”, assinado: @punk. Quando cheguei no point onde a punkarada se encontrava perguntei se alguém sabia quem tinha pichado aquelas frases e aí o “*anjo da cidade*” disse: *foi Crânio, ele é um boyzinho surfista, que também anda de skate e tá se dizendo punk.*

Crânio realmente era um garoto nessa época, devia ter uns 13 ou 14 anos. Dentro do padrão estético da sociedade ele era considerado muito bonito, tinha o cabelo loiro e longo, olhos claros e distribuía sorrisos. Morava em Recife mas tava passando uns tempos na casa de uns tios em Natal. Mas a história de vida desse camarada já vinha fodida desde a sua infância.

Ele ainda era um bebê quando sua mãe o abandonou, casou com outro cara e foi embora para o exterior. Crânio ficou aos cuidados da avó, pois seu pai era alcoólatra e vivia em conflito permanente com todo mundo da família.

Desde muito novo sentia o ódio correndo nas veias. Em casa não era respeitado e não tinha o que respeitar. Aos poucos foi “ganhando” a rua, convivendo com a violência, se drogando, aprendendo a ser agressivo e desafiando limites a todo instante.

Em Natal se aproximou dos punks da cidade e começou a fazer o intercâmbio entre o pessoal de Natal e Recife.

### Capítulo 3

#### **Da porralouque extrema a militância ativa**

No início dos anos 90 a cena anarquista/punk de Natal era uma das maiores e mais ativas da região nordeste. Existia um trabalho político forte, se realizavam muitas manifestações, gigs, encontros e até passeatas aconteceram nesse período. Por outro lado também havia um consumo intenso e desenfreado de vários tipos de drogas, existia inclusive uma casa onde até o pai de um dos punks também passou a andar com o pessoal e bancar muitas drogas que rolavam nessa casa, chamada carinhosamente pela punkarada de “antro”, onde Crânio passou um tempo. Essa casa se tornou o point das chapações, sujando a imagem do punk no bairro e acontecendo coisas graves como tentativas de estupros, uma garota hospitalizada com hemorragia provocada por “excesso” de penetração e também aconteciam roubos, batidas policiais e até a invasão de uma gangue que queria fazer um ajuste de contas.

Crânio vivenciava tudo isso de perto e sendo o pivô de algumas dessas confusões, como o caso da gangue, o comentário da época era que ele havia enganado um dos integrantes do bando. Ele passava também dias e noites nas ruas, tomava drogas pesadas, gostava de sentir aquelas substâncias estranhas se misturando ao sangue que fervia em suas veias, mas uma coisa se faz necessária afirmar, ele nunca se distanciava da postura punk/anarquista. Cobrava muito de quem se contradizia e, mesmo se contradizendo também, estava sempre envolvido nas articulações do movimento, certo que o quê mais marcava eram suas atitudes extremistas de desafiar a polícia (polícia que até hoje costuma dar “geral” na punkarada!). Brigar e desacatar a autoridade era questão de honra e assim acabava sobrando para tod@s que estavam com ele. Apanhavam e algumas vezes foram dormir na cadeia.

Nesse mesmo período existia em Recife alguns caras que se diziam punks, mas a prática deles era bem mais característica de um marginal comum mesmo, do que de um punk. **Cristiano Punk, Fome** e outros “doidos” (como a punkarada os chamavam) roubavam, assaltavam, traficavam drogas e faziam mil e uma outras “virações” não tendo consideração por ninguém. O próprio Crânio teve a casa arrombada e roubada a tv por esse Cristiano Punk que, ao ser contestado por isso, disse ser “*uma dívida não resolvida*”. Mas tanto Cristiano como Fome e até outros dois punks de Natal foram mortos vacilando pelas ruas de Recife.

### Capítulo 4

#### **Histórias de doce azedo com sangue em calda**

Muitas outras histórias e “estórias” são contadas sobre esse camarada. Algumas pegam pesado e até hoje não tem quem confirme se são falsas ou verdadeiras, como por exemplo a acusação de que ele e outros punks de Recife se igualavam a porraloucas como Cristiano e Fome, pois assaltavam também e com visual punk, fazendo apologia a bandidagem. Sobre isso eu conversei algumas vezes com Crânio e com outros camaradas e me afirmaram que

roubaram e assaltaram sim, mas nunca de visual, e não sei se foram sinceros ou não, pois vi Crânio e outros caras chapados e sei que eles eram capazes de resolver qualquer parada que rolasse na tora mesmo, mas também a nossa amizade era aberta e até hoje eu não comprovei como mentira nada do que conversamos e/ou vivenciamos.

A idéia desse escrito não é mostrar Crânio como um “santo” ou um “super-punk”, não é nada disso. Muita gente pode até julga-lo como um pseudo-punk ou de atitudes anti-libertárias, mas prá mim a vida desse camarada foi intensa e o punk, apesar dos vacilos, foi vivenciado com profundidade, sem meio termos ou concessões. Acredito que a imagem mais adequada seria a de um anti-herói punk com histórias de doce azedo e sangue em calda, que pelo exemplo de vida justifica o resgate nesse livreto.

Existem também histórias hilariantes que sei que foram verdadeiras, como o fato dele, junto com outros punks, invadirem uma igreja na hora do culto e chamarem o pastor de mentiroso e os “fiéis” de idiotas e quase serem linchados por isso. Também invadiram cemitérios e profanaram túmulos prá pegar visual (paletós rasgados, cintos, ossos...) e prá se defenderem das batidas constantes da polícia andavam com animais mortos e apodrecidos acoplados no visual. Dessa forma os policiais quando sentiam o fedor evitavam até chegar perto.

Em quase todas as cidades do nordeste não existe espaço para as bandas tocarem, percebendo essa dificuldade Crânio e outro pessoal encontraram uma cisterna enorme e que estava vazia, então organizaram uma gig dentro desse espaço, pois além da “privacidade” não tinha ninguém prá reclamar do barulho.

Tem outros fatos que considero contraditórios ao punk, como o relacionamento dele e sua companheira que viviam as tapas, numa existência beirando a miséria. Sobreviviam com uma grana que a avó dele repassava, e quase sempre a relação descambava para algo opressor e sado-masoquista. No meio dessa confusão tiveram um filho, o qual foi criado pela mãe da companheira de Crânio que o impedia de visitar ou mesmo ver o bebê. Quando havia oportunidade de visita-lo ele tinha que “tirar” o visual e lá chegando aconteciam novas cobranças, mais discussões e a proibição se repetia, isso o deixava louco e as brigas familiares se tornavam cada vez mais intensas.

## Capítulo 5

### **Cenas de boicotes e confusões**

Dentro da cena Crânio também explodia facilmente e não era raro haver discussões fortes, onde se não houvesse aquele pessoal mais pé no chão para acalmar os ânimos, acabava em briga feia mesmo, pois ele defendia os seus argumentos de forma intransigente e tinha posicionamentos extremados, como o boicote total ao uso de tecnologias no meio punk. Os zines e informativos que editava eram geralmente feitos a mão e uma coisa ou outra datilografada. Detestava o cd e as bandas que tivessem materiais registrados em compact disc não eram punks e deveriam ser execradas da cena. Odiava a internet e rotulava de burguês ou conivente com a burguesia quem usasse a rede. A moçada que se diz hardcore mas não é introzada na cena prá ele era tudo for fun e considerados inimigos em potencial, e não foram poucas as vezes que ele fez boicote frontal nos shows dessas bandas e em algumas ocasiões foi cercado e intimado por mais de 10 pessoas que não conseguiam tomar a iniciativa de agredi-lo tamanha a força de expressão que tinha. Nesses boicotes aconteceram brigas

violentas e prá não apanhar muito tinha que sair fugindo, mas quase todo tumulto era começado por ele.

Eu presenciei duas grandes confusões, mas não foi em boicotes feitos por ele e sim em eventos organizados pelo próprio movimento. A primeira foi em João Pessoa quando realizávamos uma gig contra a globalização capitalista e alguns “punks” que haviam rompido conosco por estarem assumindo uma postura pessimista e crítica a forma como vivenciamos o punk, que era totalmente ligada a militância anarquista, e esse pessoal acreditava que isso era uma profanação ao punk “real”. Então eles resolveram boicotar o evento vindo prá frente do local onde estávamos tocando, e gritavam que éramos pseudos e que deturpávamos a essência hardcore. Não demorou muito as provocações e os “reais” pessimistas fugiram depois que uma pessoa chamou a polícia. O resultado dessa confusão foram dois anarco-punks feridos atacados pelas costas, de forma traiçoeira e covarde. Depois desse primeiro confronto, em outras oportunidades, Crânio junto com outros companheiros fez esses “valentões” correrem mais algumas vezes.

Outra briga feia aconteceu quando o grupo ao qual Crânio fazia parte em Recife, chamado Coletivo de Reação Punk, organizou o *Dia de Cultura Punk*, que foi uma exposição de zines e mostra sonora em pleno centro caótico de Recife. A mostra aconteceu bem bacana, o pessoal conseguiu uns expositores de madeira e muita gente passou, leu, trocou idéia e ficou por ali, mas desde o início tinha um carinho com uma galera de mais uns cinco pedindo o tempo todo para escutar Ramones, e vários anarco-punks iam lá, conversavam, explicavam para o cara que a mostra era de som punk e definitivamente Ramones não era uma banda punk, era um grupo ligado a uma corporação multinacional e estava totalmente engajada no show bussines e o que estávamos fazendo ali era exatamente um ato de protesto contra tudo isso. Numa dessas conversas o carinho se exaltou e começou a xingar todo mundo porque tinha rolado uns sons de Bob Marley e Led Zeppelin que os hippies tinham pedido, mas não rolava Ramones, queria que todos os punks fossem prá merda e e.t.c..., então de repente esse cara e Crânio começaram o empurra-empurra, troca de socos e pancadaria, mas o pessoal conseguiu separar os dois, foi aí que eu percebi que iam atacar Crânio pelas costas e segurei o cara que tentou me agredir também e eu revidei. Nessa hora o caos se generalizou, parecia até aquelas brigas de filme de gangue. Tinha gente que brigava contra todo mundo só pelo “prazer” de estar dentro da confusão. Muitas pedras, paus, gente rolando pelo chão.... Uma imagem surrealista e caótica, mas tudo acabou sem ninguém se ferir gravemente e sem a presença da polícia, mas só a ameaça de que os “guardinhas bonzinhos” tavam prá aparecer fez a arruaça acabar.

## Capítulo 6

### **A propagação libertária e o estigma da violência**

Independente das confusões e da índole explosiva, Crânio sempre foi um articulador/propagador das idéias e movimentações anarco-punks. Apesar disso Recife não chegou nessa época a ter uma grande quantidade de indivíduos envolvidos na cena. O repasse de informações e circulação de materiais era intenso, mas o estigma da violência e agressividade de Crânio impedia em muito a aproximação de novas pessoas no movimento.

Mesmo com poucos ativistas o pessoal tinha iniciativas importantes, inclusive organizaram um encontro com grupos de algumas cidades do nordeste que foi muito importante para a organização da cena a nível regional. As reuniões aconteceram em um calçadão numa praia e ficou quase todo mundo hospedado no cubículo que Crânio, sua companheira e um outro camarada chamado Catarro, dividiam em Olinda.



Prá finalizar o encontro foi organizada uma gig que ainda teve algumas confusões. É que essa gig foi organizada em um local do Recife antigo, em um bar que era uma espécie de bordel bem precário e Crânio havia dito a dona que era um show punk e viriam tocar bandas de Natal, João Pessoa e de Recife. Então criou-se uma expectativa no local. A proprietária providenciou um estoque maior de bebidas, contratou mais garçons pensando que ia dar uma multidão no “show”. Quando começou o evento a cara de decepção do pessoal do bar era

evidente... Uns 20 punks no local. Todo mundo sem grana prá consumir e com um visual que agredia e impedia, involuntariamente, a presença dos clientes normais do ambiente.

Nessa gig Crânio tocou com a nova banda que estava montando, a *Derriba tus Muros*, mas antes de tocarem ele trocou socos com um dos integrantes porque o cara havia sumido com o dinheiro de pagar o frete para levar o equipamento de volta. Prá completar, quando uma das bandas estava tocando a instalação elétrica não suportou e queimou vários fios e lâmpadas do bar que só não incendiou porque o fogo foi percebido de imediato e apagado rapidamente. O pessoal do bar queria cobrar os prejuízos e ainda rolou muita discussão, mas eles sabiam que ninguém tinha dinheiro mesmo, ficaram bastante chateados, mas nos liberaram e levamos os equipamentos de ônibus mesmo.

## Capítulo 7

### Sem deus nem mitos produções

A produção que Crânio fazia não se limitava apenas aos boicotes contra as bandas e pessoas que ele considerava for fun, nem a organização de reuniões, gigs e encontros. Ele agilizava a distribuidora *Sem Deus Nem Mitos Produções*, que repassava sons punks, zines e organizava coletâneas. Fez parte de diversas bandas e vários projetos sonoramente caóticos em outras cidades, pois ele vez ou outra estava de rolê, inclusive em João Pessoa tínhamos um projeto chamado *Skédja* (o nome é uma adaptação da palavra “estilhaço” em Italiano), em Natal tinha a *Cangaço Anti-social*, mas as bandas mais firmeza foram a *D’kaos* e a

Suicida!! Essa era a postura adotada por Crânio no seu cotidiano. Lembro-me o quanto ele ficou impressionado quando assistiu o filme *assassinos por natureza*, chegou a tatuar uma serpente idêntica a que o personagem principal do filme tinha entre os peitos. Ele gostou porque se identificava com o jogo de morte, desrespeito e agressão a sociedade passado no filme.

As últimas vezes que o encontrei ele tava devendo umas paradas a uns traficantes da área onde ele morava e os caras estavam na sua cola. Então ele se articulou com um amigo ex-presidiário (que tava sob investigação policial) e combinaram um assalto, um lance grande mesmo, pois pretendia pagar as dívidas e viajar para Fortaleza para participar de um encontro anarco-punk e também queria dar um tempo de Recife, pois o clima tava pesado.

Quando cheguei em Fortaleza, certo que o encontraria por lá, fiquei sabendo da notícia: Crânio foi executado pela polícia em Recife! Fiquei chocado e triste, pois o tinha como um dos melhores amigos e foi um lance barra pesada por que ninguém esperava a morte daquele cara que, mesmo correndo riscos a todo instante, brotava vida por todos os poros.

A morte como toda a vida de Crânio foi brutal. Cercados pela polícia e mais alguns capangas do sítio (uma granjinha no município de Paulista, na grande recife), onde eles tentavam assaltar, mas foram fuzilados. Tudo indica que se renderam, mas mesmo assim foram mortos e com requintes de crueldade. Nos corpos haviam marcas de tortura e até uma garota que estava envolvida no assalto foi torturada, estuprada e morta.

Hoje em dia o “fantasma” de Crânio ainda assombra em Recife. Ele é sempre lembrado pela violência e radicalismo da sua postura de vida, e a maioria do pessoal da cena alternativa ainda sente terror ao ouvir o nome ou as histórias envolvendo Alex Aborto. Mas para o movimento punk eu acho que Crânio ficou na história como um dos militantes de mais convicção e ação, lógico que igual a ele existiram muitos que pela intensidade alucinante da forma que viveram também estão mortos. Existem outros vivos espalhados pelo mundo afora perturbando a ordem social, tirando o sono da família e dando trabalho as autoridades.

*Algumas pessoas podem perguntar; será que Crânio e esses outros “alucinados” foram algum tipo de herói ou protótipo de punk? NADA DISSO, os exemplos ficam, mas o punk cuida bem de destruir os mitos, as idolatrias e fantasias criadas em torno das ações das pessoas que se envolvem no movimento e por isso o punk continua vivo!*

### **Conclusão**

Que conclusões se pode tirar disso tudo? É necessário tirar conclusão mesmo? Sim, as normas exigem que tiremos um resultado do que foi explicitado. Só que o que foi exposto aqui foi um escrito sobre punk e feito por punk, então já sabes a conclusão: DANE-SE! Se não consegues você mesmo tirar suas próprias conclusões não será num texto como esse que irás absorver nada de forma conclusiva. Apenas viva a sua vida com originalidade e sem se importar com o que as outras pessoas vão dizer sobre você. Não siga conselhos, nem se inspire em nada que não saia de dentro de você. Chega de marionetes!

### **FIM?**

*Não, o fim estava desde o início da história, pois foi uma vida abortada pela forma como foi vivenciada, e isso não é uma condenação a maneira da vida (e da morte) de Crânio.*

*Esses exemplos que acontecem ao nosso redor estão muito distantes dos conceitos de “bem” e “mal” e só podem ser julgados (e se quiser!) por quem vive isso tudo.*

## **Bibliografia?**

O que foi exposto nesse pequeno relato não foi copiado de livros ou inspirado em tese de ninguém. Apenas são citados fatos que presenciei ou que soube através de conversas com outr@s camaradas que tinham informações a respeito do movimento punk e/ou conviveram com Alex Aborto. Além do que acho um saco aquelas citações babacas de frases de livros ou de “autores consagrados”. O grande lance é você ter suas próprias idéias, mesmo que sejam “inspiradas” em outros textos, pessoas, coisas, mas que seja a sua versão/visão, aquilo que você absorveu. Deixemos nos seduzir pelo caminho da originalidade, é lindo ver surgir o novo e não essa repetição macabra que nos cerca rotineiramente.

foto 1. (capa) Crânio pogando numa gig realizada em natal no ano de 1992.

foto 2. (cap. 6) Encontro a nível nordeste realizado em Recife no ano de 1995.

feito em janeiro/2005  
produzido por: **Ruído de Idéias**  
sem direito autoral nenhum  
totalmente sem domínio  
pirateie, copie, divulgue  
não precisa citar "fonte"

***Ruído de Idéias - cx. postal 2744  
Natal/RN 59022-970 (BRASIL?)  
rdideia@yahoo.com.br***

A distribuidora RDI também repassa alguns outros materiais escritos e sonoros produzidos no mundo libertário. Entre em contato para fazermos umas trocagens.

## História punk escrita e vivida por punk

